



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **MULHERES DO CAMPO QUE SE TORNARAM PROFESSORAS: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA**

JANE OLIVEIRA MIOTTO

OZENI GOMES DE OLIVEIRA BUENO

EDILZA DOS SANTOS BARBOSA

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

**RESUMO** Este trabalho apresenta resultados de uma análise sobre a história de vida de mulheres do campo que se tornaram professoras de uma escola do campo. O objetivo é compreender a percursos e percalços estudantis enfrentados no processo de profissionalização docente. O amparo teórico foi buscado em autores que defendem o uso de narrativa como método de pesquisa e de investigação. Os dados foram extraídos de relatos autobiográficos feitos por cinco professoras que atuam na escola da rede estadual de ensino, no assentamento Coqueiral, situado no município de Nobres/MT. As análises indicam que a trajetória estudantil de mulheres do campo é marcada por descontinuidades e desafios que foram superados pelo desejo de realização pessoal e profissional. Nesse sentido, a Educação a Distância aparece como uma possibilidade de acesso à educação superior, especialmente à profissão docente. **Palavras-chave:** Educação do campo, Mulheres, Formação de professoras. **RESUMEN** Este trabajo presenta los resultados de una análisis de la historia de vida de las mujeres rurales que se han convertido en maestros de la escuela del campo. El objetivo es comprender las vías de los estudiantes y los obstáculos que enfrentan en el proceso de profesionalización. El soporte teórico se buscó en autores que defienden el uso de la narrativa como método de estudio e investigación. Los datos fueron extraídos de relatos autobiográficos por cinco profesoras que trabajan en la educación escuela del estado en el asentamiento de Coqueiral, situada en el municipio de Nobres/MT. Las análisis indican que la trayectoria estudiantil de las mujeres rurales es marcada por las discontinuidades y desafíos que han sido superados por el

deseo de realización personal y profesional. En este sentido, la educación a distancia aparece como una posibilidad de acceso a la educación superior, especialmente la profesión del profesor.

**Palabras clave:** Educación rural, Las Mujeres, La Formación de profesores.

## **Introdução**

Neste trabalho analisamos a trajetória de mulheres do campo que atuam como professoras, na Escola Estadual Marechal Cândido Rondon, no assentamento Coqueiral, em Nobres, Mato Grosso. O objetivo foi compreender a trajetória estudantil de cinco mulheres que foram alunas de escolas do campo e, mesmo diante de dificuldades, enfrentaram muitos desafios para garantir o direito de acesso à educação superior e de exercício do magistério. A motivação para escrita deste trabalho está relacionada com a história de vida das autoras que integram o quadro docente da referida escola.

O amparo teórico-metodológico para o desenvolvimento deste estudo foi buscado em autores que pesquisam a educação do campo (ARROYO, 2006 e 2007; ALENCAR, 2013; CALDDART, 2001 e 2004; FREIRE, 1983; FRIGOTTO, 2001; MOLINA, 2010; e PALUDO, 2001; bem como em autores que defendem o uso da narrativa como método de pesquisa e de formação de professores (SOUSA, 2006).

Guiadas pelo objetivo deste trabalho organizamos este texto em três partes. Inicialmente tecemos algumas considerações sobre educação do campo e sobre as demandas para a formação de professores em escolas do campo. Em seguida apresentamos um panorama do Distrito de Coqueiral, cenário deste estudo e uma breve caracterização da escola Marechal Cândido Rondon. Na terceira parte explicitamos os resultados deste estudo sobre as histórias de vida estudantil e profissional de professoras que atuam na referida escola. Damos destaque aos seguintes aspectos: experiências estudantis na educação básica; a opção pelo magistério; a formação inicial (cursos de licenciatura) e continuada; desafios e potencialidades da docência na educação do campo. **1**

### **Educação do campo: demandas para a formação de professores**

Em 1998 aconteceu a I *Conferencia Nacional por uma Educação Básica do Campo* que foi promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e por outras organizações e instituições com o objetivo de buscar educação que valorize, respeite as culturas locais, voltada para a realidade do campo tendo uma metodologia e conteúdos articulados com as necessidades do campo, buscando superar a divisão urbano-rural onde, a compreensão de que o campo é mais que o lugar de plantar ou criar animais para suprir a alimentação da humanidade. Na perspectiva dos movimentos sociais, a educação do campo tem como objetivo atender as pessoas do campo, no campo, com finalidade de formar cidadãos e zelar pela identidade dos povos camponeses como

sujeitos donos de sua própria história.

Em julho de 2004 foi realizada a II *Conferencia Nacional por uma Educação do Campo*, com mais de 1000 participantes, representando cerca de 40 entidades. Nessa conferencia conquistou-se a criação de órgãos do governo Federal, Estadual e Municipal, como por exemplo: a coordenação de educação do campo espalhadas pelo Brasil, ou seja, um Programa em âmbito Federal com vistas à melhoria da educação do campo como, a Escola Ativa, Proinfo Rural, o PNLD do Campo, o PROJOVEM Campo entre outros.

Muitas são as reflexões voltadas para as transformações ocorridas nas condições e estruturas pedagógicas da escola do campo no decorrer das últimas décadas no Brasil. Assunto muito abordado e discutido no decorrer das reorganizações das políticas agrárias e deliberação das Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, sendo decorrentes de muitas lutas traçadas por uma qualidade educacional cada vez melhor pelos Movimentos Sociais do Campo.

[...] A educação do campo é ao mesmo tempo uma inovação e uma ressignificação da educação popular para esse momento histórico, o que possibilita dizer que ela se constituiu, aprendendo de quem a faz (e formula) como educação popular do campo. (PALUDO, 2001, p. 263).

Essa educação vem crescendo a cada dia, sendo foco para inúmeras pesquisas, ocorrendo assim, um fortalecimento na construção dos significados e aspectos pertinentes, enfatizando suas características e realidades cotidianas, acarretando grande esforço entre escola e comunidade, com objetivo comum, conhecer a realidade a qual a escola está inserida e buscar melhorias na educação.

Na educação e pedagogia do campo, parte-se da particularidade e singularidade dada pela realidade de homens e mulheres que produzem suas vidas no campo. Todavia, não se postula o localismo e nem o particularismo, mediante os quais se nega o acesso e a construção do conhecimento e dá uma universalidade histórica e rica, porque é a síntese do diálogo e da construção de todos os aspectos onde os seres humanos produzem sua vida. Educação e conhecimento apontam para uma sociedade sem classes, fundada na superação da dominação e da alienação econômica, cultural, política e intelectual. (FRIGOTTO, 2001. p. 36).

Freire (1983, p. 27) considerou que "estimular a massificação, a manipulação contradiz, frontalmente, a afirmação do homem como sujeito, que só pode ser na medida em que, engajando-se na ação transforma a realidade, opta e decide". A Educação do Campo deve,

portanto, ser parte essencial no desenvolvimento territorial, configurando o espaço onde todos se reúnem, simultaneamente, em busca de condições melhores de moradia, trabalho e a educação pessoal.

Quanto à identidade da Escola do Campo, o Art. 2º das Diretrizes Operacionais, parágrafo único, propõe que as instituições educativas orientem suas ações pela

[...] vinculação as questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciências e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social de vida coletiva no país (BRASIL, 2006, p. 1).

Arroyo (2006) é um dos teóricos brasileiros que advoga pela a identidade da Escola do Campo fundada nas relações com a vida dos camponeses.

A Escola do Campo, o sistema educativo do campo se afirmará na medida em que se entrelaçarem com a própria organização dos povos do campo, com relações de proximidade inerentes à produção camponesa – a vizinhança, as famílias, os grupos, enraizar-se e aproximar as formas de vida centrada no grupo, na articulação entre as formas de produzir a vida. (ARROYO, 2006, p. 4)

Essa concepção de Escola do Campo encontra amparo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB/1996), mais especificamente nos artigos que tratam das possibilidades organizacionais pedagógicas (Art. 23), da organização geral e curricular (Art. 26) e das possibilidades de adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região (Art. 28). Nesse sentido, é preciso considerar que

Um dos maiores desafios postos à continuidade das lutas pelas Políticas Públicas de Educação do Campo são as lutas pela permanência do campo e de todas as suas contradições no centro dessas políticas, o que só se fará com a permanência dos sujeitos que os protagonizam em suas vidas e lutas cotidianas se reproduzindo como sujeitos camponeses. (MOLINA, 2010, p. 143).

A Escola assume, portanto, importante papel na vida da população do campo. Ela tem a tarefa de formar cidadãos comprometidos com a problemática referente às crises sociais, ambientais e

econômicas, aos processos de modernização da agricultura. Para tanto, precisa se constituir num espaço de socialização de conhecimentos específicos e práticos visando à formação de homens e mulheres do campo, por que é no campo que a produção da vida acontece.

É a combinação entre estudo e trabalho, quer dizer que na ou através da escola, todos os alunos desde as primeiras séries, devem ter a oportunidade de realizar algum tipo de trabalho produtivo ou socialmente útil, como forma de complementar a educação de sua personalidade e combinado com o ensino da sala de aula. (CALDART, 2001, p. 8)

A preocupação constante do professor do campo está no ato de planejar o ensino voltado para o ambiente onde ele vive. Isso exige reconhecer que a educação passa por transformações constantes diante das demandas do mundo tecnológico. É preciso analisar as implicações de tais transformações na educação do campo considerando as culturas, as identidades e peculiaridades do lugar onde a escola do campo está inserida.

Uma escola do campo não é afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecida e ajudando a fortalecer aos povos do campo como sujeitos sociais que também podem ajudar no processo de humanizar do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito (CALDART, 2004, p.110).

As contribuições de todo o coletivo da escola do campo deverão valorizar esse ensino permeando as várias diferenças culturais encontradas nas diversidades sociais e culturais ali inseridas, buscando sempre uma visão de desenvolvimento da qualidade e melhoria de vida dos indivíduos que pertençam à escola do campo. A escola do campo bem como a educação ali proposta deve ser compreendida como um processo que está sempre em construção através de sua lógica e política educacional com objetivos de caráter inovador, instigador, reflexivo.

Contextualizar a educação na perspectiva de produzir um currículo sintonizado com as realidades locais exige explicitar o que se entende por "campo".

A compreensão de campo vai além de uma definição jurídica. Configura um conceito político ao considerar as particularidades dos sujeitos e não apenas sua localização especial e geográfica. A perspectiva de educação do campo se articula a um projeto político e econômico de desenvolvimento sustentável, a partir perspectiva dos interesses dos povos que nele vive. (BRASIL, 2006, p. 22).

A educação do campo requer reconhecimento que “o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive. O povo tem direito a educação pensada desde seu lugar e com a sua participação, vinculada a sua cultura e as necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2001, p.26). O professor tem a tarefa de mediar esses conhecimentos locais com os conhecimentos científicos, buscando metodologias de aprendizados diferenciadas e voltados para a realidade dos alunos, com o foco no sucesso do processo ensino-aprendizagem. Quando a comunidade escolar tem papel participativo no planejamento e organização das atividades escolares os resultados obtidos no desenvolvimento do ensino-aprendizagem têm caráter positivo e satisfatório.

Reiteramos a opinião de Arroyo (2004) quanto ao entendimento de que a educação do campo requer que a formação de professores seja orientada pelos pressupostos defendidos pelos movimentos sociais, sobretudo no que se refere à necessária contextualização. Tais pressupostos precisam ser considerados na formulação das políticas públicas.

Levando em conta as singularidades dos contextos locais é um fator que precisa considerado nas análises de questões relativas à educação do campo, apresentamos a seguir algumas considerações sobre o contexto onde este estudo está situado.

## **2. Coqueiral de Nobres - Mato Grosso: Cenário de belezas e de contradições**

Segundo os dados fornecidos pela Empresa Mato-Grossense de Pesquisa Assistência e Extensão Rural EMPAER (EMPAER) do município de Nobres/MT, o Assentamento Coqueiral Quebó, constituiu-se por volta dos anos de 1987, com a chegada de famílias que ocuparam a região, na condição de grileiros. O assentamento se fortaleceu nos anos subsequentes com o apoio do INCRA/MT no âmbito de PROCERA. O Decreto nº 96231 datado em 28/08/1998 regulamentou a ocupação com base no modelo de Reforma Agrária.

A localidade conta com duas Vilas, estrategicamente localizadas, sendo elas O núcleo de Roda D'Água e outro O núcleo Bom Jardim, cada uma com suas particularidades. Esse Projeto de Assentamento permite que a população produza a sua subsistência com base na bovinocultura, na agricultura familiar e no turismo. A região é rica em belezas naturais que atraem turistas do mundo todo.

A Vila Roda D'Água tem papel importante no assentamento porque ela dispõe de duas escolas públicas: As duas escolas têm o mesmo nome “Marechal Cândido Rondon”, diferindo apenas na categoria administrativa. Uma é estadual e a outra Municipal. A comunidade conta também com cinco igrejas, três açougues, uma farmácia, um correio, uma padaria, um PSF (posto de saúde da família) e posto de gasolina, cartório do 2º ofício, bares, agência de turismo, lojas materiais de construções e marcenaria entre outros. A Vila está situada aproximadamente 150 quilômetros da

capital do Estado de Mato Grosso Cuiabá. A renda das famílias provém também dos empregos gerados pelo setor públicos (nas escolas, posto de saúde).

## **2.2 A Escola Marechal Cândido Rondon**

A Escola Estadual Marechal Cândido Rondon criada em 03/03/2004. A referida Escola pertence à rede oficial de ensino público, mantido pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) de Mato Grosso. Em 2016 atende 240 alunos, distribuídos em sala de aulas relativas ao Ensino Fundamental, EJA Fundamental e Médio e Ensino Médio. Os alunos, com idade a partir de 11 anos, são alunos provenientes das Comunidades circunvizinhas dos Municípios de Nobres e Rosário Oeste.

A escola funciona em prédio próprio, inaugurado em dezembro de 2011 construída em um terreno de 20.000 metros quadrados, sendo 10.0000 metros quadrados cercados com alambrado, com 08 salas de aula, cozinha e refeitório, conjunto de banheiros, sala de informática, espaço para recreação e quadra poliesportiva coberta. Os professores, em sua maioria, são contratados temporariamente. Em 2014 a escola foi interdita por problemas na estrutura física. Atualmente funciona em 10 salas móveis que eventualmente são cedidas para instituições públicas e privadas que realizam cursos por meio da modalidade EAD com o foco em turismo e licenciatura.

Em relação à formação dos profissionais da escola conta com a parceira com a Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Centro de Formação e Atualização dos Profissionais de Educação Básica - CEFAPRO, Secretaria Municipal de Educação-SEMEC. A EAD tem se constituído como uma possibilidade de formação profissional, especialmente na área do magistério. De acordo com Arroyo (2007):

[...] As ricas experiências de formação de educadoras e educadores do campo, que acontecem nos cursos de Magistério, de Pedagogia da Terra, na graduação e pós-graduação, no conjunto de encontros, oficinas, estudos e reflexão sobre a prática educativa dos movimentos, oferecem horizontes para pesquisar, refletir e configurar políticas de formação de educadores (as) do campo. (ARROYO, p.175, 2007).

A escola busca valorizar o meio em que está inserido com projetos que visam a preservação e valorização social (Projetos: Novos Talentos, Aprendendo e Preservando, Feira de Produtos da Terra).

## **3. Histórias de vida de mulheres que se tornaram professoras do campo**

Neste estudo foi orientado pelo propósito de a trajetória de mulheres camponesas que se tornaram professoras do campo. Nesse sentido, fizemos uso dos pressupostos teórico-metodológicos das narrativas de formação.

A opção pelo uso das narrativas autobiográficas justifica-se pelo entendimento de que elas podem ser utilizadas como método de investigação, de autoformação e de intervenção na construção identitária de professores. Entendemos, portanto, que a abordagem (auto) biográfica permite que os professores se comportem como atores que participam ativamente do processo da própria formação e da redefinição da prática docente pela reflexão sobre aquilo que faz. (SOUZA, 2008)

No desenvolvimento deste estudo optamos por apresentar os relatos completos produzidos pelas professoras entrevistadas para posteriormente tecer nossas considerações sobre os processos de formação. Nos dados buscamos explicitar o perfil das mulheres, professoras sujeitas de nossa pesquisa, considerando questões como idade, local de nascimento, chegada na comunidade Coqueiral, tempo de atuação na educação do campo. Explicitamos também os seguintes aspectos: experiências estudantis na educação básica através de trechos das falas sobre os percursos e percalços como aluna da educação do campo; opção pelo magistério e como se deu a formação inicial (cursos de licenciatura) e continuada; e quais os desafios e potencialidades da docência na educação do campo. Todos os nomes são fictícios.

#### 1. Histórias narradas por Lúcia

*Lúcia, tem 60 anos, nascida em Itupiranga, Santa Catarina, mora na região há 29 anos, optou pelo magistério por gostar mesmo de lecionar, como narra que primeiro iniciou sua prática em sala de aula, somente quatro (4) anos depois que iniciou sua graduação em Letras pela Universidade de Cuiabá - UNIC, no regime modular, onde assistia aulas uma vez por mês, ficando uma semana na capital para estudar, a maior dificuldade era para chegar até ao ponto de ônibus, pois até na vila ia de charrete para conseguir uma carona até Nobres em direção à Cuiabá, as aulas eram muito interessantes, mas por esta fora da escola por muito tempo e durante os quatro anos só estudava os conteúdos a serem ministrados, percebi que deveria correr atrás do prejuízo e quando enfim consegui minha graduação desta vez era a pós que também fiz a distância de maneira presencial nos finais de semana só que agora no município de Nobres ficando um pouco mais perto, e pós graduei em Psicopedagogia, sou concursada pela prefeitura e atualmente estou aposentada e trabalho no estado com contrato temporário, estou na educação por que gosto do que faço e não por ser a*

*única opção.*

#### 1. Histórias narradas por Anny

*Tenho 34 anos, nasci na cidade de Colíder MT, minha família mora na região a 17 anos. Estudei o ensino fundamental em escola estadual na cidade de Peixoto de Azevedo MT, e o ensino médio, dois anos em São Paulo, Internato Adventista quando minha família veio morar na região. Ao retornar para a casa de meus pais, conclui o ensino médio estudando na escola do campo, que na época era uma extensão da escola Nilo Povoas, cidade de Nobres MT. Era uma aventura diária vir para a escola, que funcionava no período noturno, não tinha transporte, nem merenda escolar. Foram quatro anos de muito esforço e dedicação que valeram a pena, passando por muitas dificuldades e desafios até a sua conclusão, por não ser o curso que almejava fazer, mas sim a primeira oportunidade que tive. Tornei-me professora por necessidade, substituição por dois anos na escola da rede municipal, para ajudar nas despesas da família. Iniciei a faculdade em 2005, através de uma turma especial de Matemática pertencente a Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Barra do Bugres MT. Prestei concurso público e passei em primeiro lugar na minha área de formação, Matemática, após assumir o concurso iniciou uma cobrança por mais qualificação profissional no ambiente ao qual trabalhava, e como fazer? O jeito foi através da EAD, fiz um curso de especialização em Ensino de Matemática pelo Instituto Pro Minas/ MG totalmente a distância. Hoje trabalho na escola do campo há dois anos, lecionando matemática e física, e tenho enfrentado muitas dificuldades no dia a dia com minha escolha, a qual sinto satisfeita e sempre estou em busca de conhecimentos para garantir o sucesso pessoal e também de meus alunos.*

#### 1. Histórias narradas por Francy

*Francy, nasci em Nobres/MT, tenho 45 anos de idade e moro na comunidade Coqueiral desde o ano de 1989. Sou formada em Matemática e atuo como professora há 2 anos na Escola Marechal. Quando iniciei os meus estudos tanto o ensino fundamental e o médio, enfrentei diversas e numerosas dificuldades, principalmente porque tinha que trabalhar, deixar minhas filhas*

*em casa e estudar, sendo elas tão pequenas. A correria era muito grande, mas não desisti dos meus sonhos de estudar e cursar uma faculdade. Optei por fazer matemática porque era o meu sonho, me tornar uma professora. Quando a gente tem um sonho, nosso objetivo é realizar esse sonho. Matemática foi minha primeira opção para curso de graduação, na época que iniciei o meu curso, a região de Nobres não ofertava nenhuma oportunidade, então iniciei meu curso através da educação a distância no polo de Lucas do Rio Verde/MT, por ser longe e muitas dificuldades para se estudar, transferi meu curso para o polo de Cuiabá - Várzea Grande/MT, minhas aulas frequências eram a cada dois meses, onde tinha que ir para o polo fazer as atividades, avaliações, e o restante estudava em casa, como não havia tecnologia suficiente para desenvolver os trabalhos, muitas vezes tinha que se deslocar até Nobres para poder estudar, deixando minha casa e família para trás. Hoje como professora enfrento muitos desafios diários, alunos que não querem estudar, pais que não ajudam na educação de seus filhos, rotas distantes demais e os alunos chegam cansados na escola e sua produção é fraca entre outros fatores que acontecem em nossa escola do campo, e muitas famílias que vão embora em busca de melhorias e por não encontrar o que procuram, retornam para a comunidade.*

#### 1. Histórias narradas por Lyvia

*Lyvia, tenho 33 anos, natural de Coxim/MS. Por volta do ano de 1986 minha família se mudou para o Assentamento Coqueiral e nesse mesmo ano todas as famílias foram despejadas pela Polícia Federal, e deixadas alojadas no Estádio do Balizão, na cidade de Nobres/MT. Três anos depois desse evento, minha família retornou para o assentamento, mas agora como grileiros e estamos nessa comunidade até os dias de hoje. No decorrer de minha vida, enfrentei diversas dificuldades para estudar, o ensino fundamental antigo primário estudei aqui na comunidade, não tinha transporte escolar, merenda inferior e muitas vezes não tinha, faltava tecnologia para se comunicar. Com o passar do tempo as coisas foram melhorando, chegou energia elétrica para todos da comunidade através do programa luz para todos do governo federal. Para fazer o ensino médio, tive que mudar para Nobres, porque na comunidade não ofertava o ensino médio. Quando terminei o ensino médio retornei para a comunidade, após esse retorno iniciei meu curso de*

*graduação através da modalidade EAD ofertada pela UNIP interativa (Universidade Paulista) curso de Pedagogia. Ao terminar o curso de graduação, iniciei um curso de pós-graduação também pela EAD em educação infantil especial. No ano de 2015 fiz novo curso de graduação, geografia também pela modalidade EAD. Atuo como professora já a quatro anos na escola do campo Marechal Candido Rondon, atualmente sou Professora Articuladora da escola.*

## 1. Histórias narradas por Carmen

*Sou Carmem, nascida em 1º de agosto de 1970, em Contagem/MG. Minha formação sempre se deu em escola públicas. Em janeiro de 1995, aos 14 anos nos mudamos de Minas Gerais para Jauru Mato Grosso. Ao término da 8ª série, num período em que eram ofertadas algumas possibilidades de cursos técnicos, como magistério e contabilidade, optei seguramente que iria participar da primeira turma a cursar o então desconhecido propedêutico. Eu afirmava categoricamente que não queria fazer magistério, pois "nunca" seria professora na minha vida. Foram três anos maravilhosos, de muito aprendizado, onde eu tive o privilégio de estudar com professores excelentes, que contribuíram para o futuro/agora que eu estou vivendo. Desde quando conheci meu esposo, os pais dele moravam em Nobres, na Gleba Coqueiral Quebó, onde nós os visitávamos sempre que possível. Em 1998, meu marido me convidou para mudar para o Distrito Coqueiral, argumentando que aqui seria possível nos manter com pouco dinheiro, tirando nosso sustento da própria terra. Mesmo sem nunca ter morado em área rural, eu aceitei e no dia 2 de fevereiro de 1999, nos mudamos para uma localidade denominada Lagoa Salgada, a 20 KM da Vila Roda D'Água e 75 da sede do município. Nos mudamos mesmo sem que a casa fosse concluída. Não havia água encanada e por um bom período eu tive que lavar louças e roupas em um girau, pois também não tinham sido instalados tanque e pia. No mês de fevereiro 1999, a então secretária municipal de educação esteve em minha casa, a fim de me convidar para dar aulas na escolinha da localidade, que ficava muito próxima da minha casa. No primeiro contato não aceitei, pois, além de se tratar de uma turma multisseriada, que atendia alunos da 1ª à 4ª série, ao mesmo tempo e em uma só sala, fiquei sabendo que a maioria das pessoas da comunidade*

*estavam insatisfeitas com o modelo ofertado e reivindicavam, no mínimo, a contratação de mais uma professora. A secretária não cedeu, e diante da minha recusa, conseguiu fazer com que uma professora efetiva fosse dar aulas lá, o que durou apenas uma semana. Na sexta-feira, a referida professora foi para sua casa na zona urbana e não quis mais retornar. Na época, a escola contava apenas com a sala de aula e o banheiro, na verdade uma privada. A funcionária contratada para limpar a escola e preparar a merenda tinha que cozinhar na casa dela, alguns metros de distância da escola e levar em uma carriola para servir aos alunos. Após merendarem, ela levava as panelas, pratos e talheres para lavar em casa. Sendo assim, eu preparava cuidadosamente as matrizes e levava para serem mimeografadas na vila, pela secretária da escola, pois apenas ela tinha autonomia para manusear o equipamento. Dessa forma, fiquei conhecida por alguns funcionários da escola, e, no ano seguinte, surgiu uma vaga para aulas de português, de 5ª a 8ª série. Ao receber o recado que deveria comparecer na escola sede ainda naquele dia, imaginei se tratar de algo referente ao meu trabalho atual, sendo surpreendida para o convite para dar aulas de português nas turmas mencionadas anteriormente. Diante da falta de outra professora e como eu sempre fui apaixonada pela disciplina, não hesitei e aceitei, porém, foi gerado um impasse, pois o trabalho nas duas escolas era no mesmo horário e com uma distância de 20 km. Conversei com a secretária e ela me orientou a mudar o horário de aulas na escolinha para o período matutino, possibilitando a mim conciliar os dois trabalhos, mas causando insatisfação em alunos e pais. Diante da orientação, os alunos foram comunicados a respeito da mudança, gerando boatos de que haveria um boicote e que os alunos não compareceriam às aulas no período matutino. Um senhor, líder na comunidade, chegou me dizer com todas as palavras que não achava justo que eu trabalhasse nas duas escolas, pois teria que receber duas vezes. O trabalho na vila me possibilitou participar de cursos de aperfeiçoamento promovidos pela SEMEC e realizados na sede do município. Durante os cursos, eu me sentia discriminada pela maioria dos professores da cidade, pois eles nos olhavam com descaso, demonstrando desrespeito aos professores da zona rural, como se fôssemos inferiores. Na época, eu e alguns colegas éramos chamados de "leigos", por alguns profissionais da escola, causando sentimento de tristeza por não termos acesso à formação adequada ao nosso trabalho. Houve um período em que*

*o meu salário era inferior a um salário mínimo, causando o desejo de me qualificar e receber um salário mais justo e condizente com meu trabalho. No ano de 2008 a SEMEC, juntamente com a SEDUC e o MEC, firmaram um acordo para ofertarem o PROFORMAÇÃO, visando habilitar em magistério, professores em exercício que não possuíam a formação mínima exigida. O curso foi excelente e me possibilitou muito aprendizado e sólidas amizades que perduram até hoje. Ao finalzinho do curso PROFORMAÇÃO, surgiu a oportunidade de prestarmos o vestibular para Pedagogia para as séries iniciais, promovido pelo NEAD/UFMT. A chance era única e imperdível. Lá fomos nós para mais um desafio. No dia de fazermos nossa matrícula, tivemos que ir até a cidade de Diamantino, onde ficava o nosso polo administrativo. Vivemos uma grande aventura naquele dia. Nenhum de nós possuía carro. Tivemos que nos locomover a pé naquela cidade cheia de morros. Na volta, o ônibus quebrou e um professor teve que subir em um banheiro de uma lanchonete para conseguir sinal suficiente para ligar para o parente de uma colega que estava conosco e pedir que ele nos esperasse, pois estávamos atrasados. A volta, foi na carroceria de um caminhão, contemplando as estrelas e dividindo expectativas de um futuro incerto, porém muito aguardado. Os anos que se seguiram foram de muita luta, mas Deus nos abençoou e conseguimos concluir com êxito e formamos. Desde o início da minha jornada como professora, trabalhei desde a educação infantil, até o ensino médio, com turmas e disciplinas variadas. Em 2010, fui aprovada em três concursos públicos municipais: Lucas do Rio Verde, Nova Mutum e Nobres. Desde o início de 2005, trabalho na Escola Estadual Marechal Cândido Rondon, e, por ser pedagoga, sempre fui atribuída para as aulas que sobravam. Já dei aulas na EJA, ensino médio regular, Projovem Campo Saberes da Terra, em todas as disciplinas, o que me obrigava e obriga até hoje a estudar muito, para tentar fazer um bom trabalho. Apesar de não ter escolhido ser professora, hoje não me vejo fazendo outra coisa e sou apaixonada pelo meu trabalho. Participo de formações tanto na rede municipal e na estadual. Sou fruto concreto da educação à distância e me orgulho de usufruir de conquistas que me possibilitam viver com dignidade junto à minha família.*

### **Algumas considerações derivadas das nossas análises**

As narrativas analisadas referem-se à cinco professoras com idade entre 30 e 60 anos. O grupo

provém de diferentes cidades brasileiras, o que torna a escola um espaço de diferentes culturas, diferentes modos de falar e de viver.

A chegada na comunidade Coqueiral se deu em virtude da necessidade de se buscar novos meios financeiros para garantir a subsistência e manutenção da família e, conseqüentemente, oportunidade de melhorias na qualidade de vida. A maioria das mulheres tornou-se professora por necessidades familiares e falta de opções de trabalho na localidade.

A professora Lúcia atua na referida escola, desde o início, ainda no acampamento, quando as aulas eram ministradas dentro de um curral, debaixo de uma frondosa figueira, onde eram atendidos alunos de diferentes idades e séries, no mesmo espaço. A professora Carmem, atua na escola há dezessete anos, e três professoras já atuam na Escola do Campo desde a pouco mais de dois anos.

Pudemos perceber que as entrevistadas enfrentaram percursos e percalços em toda sua vida acadêmica, desde o ensino fundamental até a faculdade, que foram concluídos com muita persistência e de forma fragmentada. Continuando com as observações, elas relatam que, com o passar dos anos os níveis de estudos ofertados pelas instituições de ensino foram se adequando às necessidades das pessoas da localidade.

Duas professoras optaram pelo magistério, ou nível superior em educação devido as oportunidades que apareceram, onde a necessidade de subsistência falou mais alto. As outras três entrevistadas relataram que ingressaram na profissão por escolha própria, pois tinham o sonho de se tornarem professoras

Os cursos de nível superior e as especializações feitas pelas professoras foram através da modalidade EAD. Como professoras e atuantes na Escola do Campo desenvolvem estudos e capacitações de forma continuada. Atualmente, enfrentam muitos desafios por estarem trabalhando na Escola do Campo, mas as mesmas não diminuem sua força e vontade de contribuir com o desenvolvimento de uma educação melhor e de qualidade.

Em suas narrativas, as professoras demonstraram claramente a satisfação quanto à jornada de atuação dentro da Escola Marechal Cândido Rondon, através das transformações ocorridas e vivenciadas por essas mulheres na educação do campo. Dentre essas histórias é notório que a educação na modalidade EAD contribui para a formação dessas professoras a galgar mais uma meta de sua vida, a formação superior, suprimindo assim, as necessidades educacionais locais oriundas da falta de profissionais qualificados. Amenizando a vacância de professores na escola do campo, uma vez que apresenta carência de profissionais com formação superior específica para atender a demanda do campo.

As narrativas dessas mulheres, nos mostra que foram alunas, que foram funcionárias de outra área dentro ou fora da escola, foram em busca do crescimento intelectual e profissional que a realidade campesina não atendia. Garantiram o direito e acesso à educação, que hoje são profissionais que nos motivaram a escrever este artigo com narrativas de luta e sucesso; não desistiram de buscar formação; deixaram seus lares e filhos em busca de realizações e o melhor ainda, estão na região acompanhando o progresso da escola do campo.

Concluimos que a Educação do Campo se faz diariamente com lutas e buscas constantes pelo conhecimento.

Apesar de todas as dificuldades apresentadas nos relatos, todas as entrevistadas alcançaram o objetivo proposto e se tornaram professoras atuantes e de sucesso dentro da Escola do Campo, na realidade na qual estão inseridas.

Observamos também que o futuro não é tão incerto, e que muitas jovens que são alunas nos dias atuais já demonstram interesse pela carreira docente e estão se preparando para essa trajetória, tendo como exemplo essas profissionais e suas histórias de vida.

## **Referências**

ARROYO, Miguel. A Escola do Campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, Mônica (Org.). **Educação do campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: MDA, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1996

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB Nº 36/2001. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: MEC/CNE, 2002.

CALDART, Roseli. **Pedagogia do movimento Sem Terra**: do acampamento às escolas. Boletim da Educação MST. Porto Alegre, 2001.

\_\_\_\_\_. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO M., CALDART, R.& MOLINA.M(orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Ed. Vozes, p.147-158, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 7ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Projetos societário contra hegemônico e educação do campo; desafios de conteúdo, método e forma. In: Munarin Antônio, Beltrami Sônia, Conte Soraya Franzoni e Peixer Isabel (Orgs.). **Educação do campo: reflexões e perspectivas**. 2ª. Edição Florianópolis: Insular, 2011.

MOLINA, M. C. Reflexões sobre o significado do protagonismo dos movimentos sociais na construção de políticas públicas de educação do campo. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Educação do campo e pesquisa II: questões para reflexão**. Brasília: MDA/MEC, 2010

PALUDO, Conceição. Educação Popular e Educação (popular) do campo. In. MIRANDA, & SCHWENDLER, (Org.) **Educação do Campo em Movimento: teoria e pratica cotidiana**. Vol. 1. Curitiba: Ed. UFPR, 2001.

ARROYO, Miguel. A Escola do Campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, Mônica (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: MDA, 2006. BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1996 \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB Nº 36/2001. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: MEC/CNE, 2002. CALDART, Roseli. **Pedagogia do movimento Sem Terra: do acampamento às escolas**. Boletim da Educação MST. Porto Alegre, 2001. \_\_\_\_\_. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO M., CALDART, R.& MOLINA.M(orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Ed. Vozes, p.147-158, 2004. FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 7ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. FRIGOTTO, Gaudêncio. Projetos societário contra hegemônico e educação do campo; desafios de conteúdo, método e forma. In: Munarin Antônio, Beltrami Sônia, Conte Soraya Franzoni e Peixer Isabel (Orgs.). **Educação do campo: reflexões e perspectivas**. 2ª. Edição Florianópolis: Insular, 2011. MOLINA, M. C. Reflexões sobre o significado do protagonismo dos movimentos sociais na construção de políticas públicas de educação do campo. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Educação do campo e pesquisa II: questões para reflexão**. Brasília: MDA/MEC, 2010 PALUDO, Conceição. Educação Popular e Educação (popular) do campo. In. MIRANDA, & SCHWENDLER, (Org.) **Educação do Campo em Movimento: teoria e pratica cotidiana**. Vol. 1. Curitiba: Ed. UFPR, 2001.

\* Jane Oliveira Miotto. Professora Especialista em Educação Matemática, na Escola do Campo Marechal Cândido Rondon, Nobres – MT. Educação do Campo, Movimentos Sociais. E-mail:

janeomiotto@hotmail.com

\*\* Ozeni Gomes De Oliveira Bueno. Professora de Educação Básica, Licenciada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia e coordenação pedagógica, na Escola do Campo Marechal Cândido Rondon, Nobres – MT. Educação do Campo, Movimentos Sociais. E-mail: ozenigomes07@gmail.com

. \*\*\* Edilza dos Santos Barbosa. Professora de Educação Básica, licenciada em Pedagogia, Letra/Espanhol e Respectivas Literaturas, na Escola do Campo Marechal Cândido Rondon, Nobres – MT. Educação do Campo, Movimentos Sociais. E-mail: coordmarechal@gmail.com

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: